New Trends in Qualitative Research

(cc) BY-NC-ND

VOLUME **20** | Nº **4**

DOI:
https://doi.org/10.36367/ntqr.20.4.2024.e1098

Thiago Souza Reis

Maria do Perpétuo Socorro de Sousa Nóbrega

Sandra Cristina Pillon

João Alexandre Mendes Teixeira

Rosimeire Angela Queiroz Soares

Elda Oliveira

Data de Submissão: Abril, 2024
Data de Revisão: Junho, 2024
Data de Publicação: Setembro, 2024

SOFRIMENTO PSÍQUICO DOS ADOLESCENTES DA PERIFERIA DE SÃO PAULO, BRASIL

RESUMO

Objetivo: Conhecer as situações cotidianas que desencadeiam o sofrimento psíquico em adolescentes escolares da periferia. **Métodos:** Pesquisa qualitativa, na vertente pesquisa-ação. Realizada em uma escola pública de Ensino Fundamental II e Médio da cidade de São Paulo, Brasil. Coleta de dados foi por meio de oficinas e mapa falante. Utilizou-se o Software de Análise Qualitativa de dados WebQDA. Análises à luz da abordagem da Interseccionalidade**. Resultados**: Participaram 39 adolescentes com faixa etária de 14 a 17 anos, sendo 18 feminino e 21 masculino. Destes, 21 se autodeclaram pardos, oito negros, oito brancos, um indígena e um amarelo. Emergiram três categorias temáticas relacionadas às suas situações que levam ao sofrimento psíquico: discriminação racial - ser negro é ter uma marca de desigualdade; relações de gênero- a mulher ocupa posição inferior à do homem, preconceito e depreciação em relação à orientação sexual; e conflitos familiares- a família é descrita como lócus social de proteção e conflito. **Conclusões:** As situações cotidianas que desencadeiam o sofrimento psíquico em adolescentes escolares são delineadas pelos marcadores sociais da diferença. Os marcadores sociais de raça/cor, classe social, gênero e local de moradia circulam os temas apreendidos, posicionando os adolescentes na hierarquia social. Todavia, ao tensionar essas hierarquias, tanto no ambiente da casa quanto no social, os adolescentes sofrem psiquicamente. A análise interseccional dialogada com a teoria da determinação social do processo saúde-doença-mental, possibilitou entender as iniquidades de saúde, que acentuam o sofrimento psíquico, rejeitando a noção de que ele advém de um único marcador social da diferença.

Palavras-Chave
Adolescentes; Saúde mental; Enquadramento interseccional; Áreas de pobreza.

PSYCHOLOGICAL SUFFERING OF ADOLESCENTS FROM THE PERIPHERY OF SÃO PAULO, BRAZIL

Objective: To understand the everyday situations that trigger psychological distress in adolescent students from the outskirts of the city. **Methods:** Qualitative research, in the action research aspect. Conducted in a public elementary and high school in the city of São Paulo, Brazil. Data collection was through workshops and talking maps. The qualitative data analysis software WebQDA was used. Analysis was based on the intersectionality approach. **Results:** Thirty-nine adolescents aged 14 to 17 participated, 18 females and 21 males. Of these, 21 declared themselves brown, eight black, eight white, one indigenous and one yellow. Three thematic categories emerged related to their situations that lead to psychological distress: racial discrimination - being black is having a mark of inequality; gender relations - women occupy an inferior position to men; prejudice and depreciation in relation to sexual orientation; and family conflicts - the family is described as a social locus of protection and conflict. **Conclusions:** Everyday situations that trigger psychological distress in adolescent students are defined by social markers of difference. Social markers of race/color, social class, gender, and place of residence are present in the themes discussed, positioning adolescents in the social hierarchy. However, when these hierarchies are strained, both at home and in society, adolescents suffer psychologically. Intersectional analysis, in dialogue with the theory of social determination of the health-mental illness process, made it possible to understand the health inequities that accentuate psychological distress, rejecting the notion that it arises from a single social marker of difference.

Keywords
Adolescents; Mental health; Intersectional framework; Poverty areas.

1. Introdução

Por séculos, a saúde mental foi negligenciada e estigmatizada. No entanto, nas últimas décadas, tanto em nível global quanto no Brasil, esse campo tem ganhado atenção crescente devido à conscientização sobre sua importância para a sociedade. Estima-se que 1 em cada 4 pessoas no mundo enfrentará problemas relacionados à saúde mental em algum momento da vida. Em 2019, aproximadamente 1 bilhão de pessoas sofreram de transtornos mentais, sendo 14% desse total adolescente (WHO, 2022).

O Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) brasileiro considera adolescente a faixa etária dos 12 a 18 anos, época de grandes transformações físicas e emocionais (Brasil, 1990). Assis et al. (2020) enfatizam que a adolescência deve ser compreendida como um processo multifacetado que transcende a simples contagem cronológica de anos ou as transformações físicas características dessa fase. Eles argumentam que as experiências dos adolescentes são profundamente moldadas pelo contexto social, cultural e econômico em que estão inseridos. A análise das vivências adolescentes à luz dos marcadores sociais da diferença permite identificar como os marcadores sociais interagem e se sobrepõem, criando experiências de vulnerabilidade ou de resistência.

Marcadores sociais da diferença são as classificações sociais que existem na sociedade, construídas antes da existência dos sujeitos, as quais se entrelaçam produzindo maior ou menor exclusão ou inclusão social, dependendo da posição social que os sujeitos ocupam nessa classificação. A articulação dos marcadores sociais impacta no processo saúde-doença-cuidado dos adolescentes e pode resultar em iniquidades sociais (Couto et al., 2019).

Na cultura ocidental são variadas as formas de compreensão e percepção sobre o sofrimento, o e o modo de senti-lo, na maioria das vezes associado a dor e integrada à vida quotidiana das pessoas (Mendes et al., 2024). Encontrar uma definição adequada para o sofrimento não é tarefa fácil, uma vez que sofrer faz parte da condição do ser humano e implica em um fenômeno complexo, e comumente remete a um estado de experiência negativa, mas, que a depender do ponto de vista, pode tornar-se positiva (Mendes et al., 2024). Assim, tomou-se sofrimento psíquico como um “desconforto para questões subjetivas que comprometem o nível biológico, social, econômico e até mesmo cultural, comprometendo a saúde integral”, que não é algo que advém apenas do nível individual, mas é atravessado por relações sociais e forma de trabalhar (Brasil, 2013).

Levando em consideração os adolescentes que passam por mudanças e afirmações de suas singularidades, é importante destacar que, nas periferias urbanas, esse sofrimento pode ser exacerbado devido à exposição a diversas violências, resultantes de sua inserção em contextos de vulnerabilidade social. Eles enfrentam sistemas de opressão pelos marcadores sociais revelando desigualdades e múltiplas formas de opressão (Oliveira et al., 2020).

Diante desse cenário complexo, emergiu a pergunta norteadora do presente estudo: Quais situações do cotidiano narradas pelos adolescentes da periferia urbana desencadeiam o sofrimento psíquico? A questão busca explorar as vivências dos adolescentes, oferecendo um espaço para que suas vozes sejam ouvidas e suas experiências sejam reconhecidas. Assim, o estudo teve por objetivo conhecer as situações cotidianas que desencadeiam o sofrimento psíquico em adolescentes escolares de uma periferia urbana.

2. Metodologia

Pesquisa exploratória de natureza qualitativa, seguindo os critérios do *Consolidated Criteria for Reporting Qualitative Research* (COREQ) (Tong et al., 2007)

O cenário da realização da pesquisa, foi uma escola pública de Ensino Fundamental II e Médio, situada no distrito Itaim Paulista, extremo da região Leste da cidade de São Paulo, Brasil, que se enquadra como o processo histórico de urbanização "centro-periferia", ou seja, quanto mais distante do Centro da cidade mais pobreza concentra (CEM, 2004), acrescido das novas clivagens de segregação espacial com os grandes e fortes muros dos condomínios fechados (Tavolari,2023).

Possui 224.074 habitantes, destes 54,78% são pessoas negras ou pardas. De um total de 64.319 domicílios, 7,48% são de comunidades. Na região, as mulheres geralmente engravidam antes dos 19 anos. Em 2016, o número de mortes por homicídio, na faixa etária de 15 a 29 anos (inclusive) ocorridos no município, por 100 mil habitantes, foram 24 em números absolutos de uma população de 52.053 homens jovens na mesma faixa etária (RNSP, 2020).

A escola pública, cenário de pesquisa foi indicada pela Secretaria da Educação devido a ter adolescentes sofrendo *bullying* e outros problemas como ideação suicida entre os adolescentes. Após acordo entre as partes (Secretária da Educação, Supervisão de Ensino e Diretoria da Escola), e aprovação em Comitê de Ética em Pesquisa, iniciou-se o projeto. Para a composição dos participantes, o mediador de conflito da escola indicou três estudantes participantes do grêmio escolar, que indicaram outros interessados na temática, os quais participaram voluntariamente de todos os encontros. Participaram da pesquisa os adolescentes que foram liberados de suas atividades escolares, com anuência de seus familiares e do gestor escolar.

A coleta de dados foi realizada por meio de oficinas, considerada uma técnica grupal utilizada em investigações participativas, que possibilita expor as representações cotidianas, com elementos de opiniões e convicções provenientes de grupo com características homogêneas (Soares et al., 2023). Para concretizar as oficinas, as pesquisadoras estabeleceram contato com os adolescentes a partir da problematização de sua realidade, tentando estabelecer proximidade e identificação do problema, por meio da observação sistemática dos elementos, fenômeno de interesse (Soares et al., 2023).

As oficinas ocorreram no período de novembro de 2019 a março de 2020, uma vez por semana, concomitantemente ao período de aula, totalizando oito encontros com duração de duas horas cada. Foram realizados cinco encontros de alinhamentos com os gestores escolares. Todas as oficinas foram conduzidas por uma pesquisadora enfermeira e dois psicólogos devidamente treinados para a coleta de dados (um homem e uma mulher). Os encontros foram gravados e filmados pelos adolescentes, e posteriormente transcritos integralmente pela própria pesquisadora. As anotações do campo foram realizadas após as oficinas por todos os integrantes da coleta de dados.

As estratégias utilizadas para mediar a comunicação entre os adolescentes foram: técnica de mapeamento do território ou mapa falante do território periférico, comumente utilizado para estudar espaços geográficos, entendendo o território como espaço do cotidiano, além de ser um instrumento potente para fazer leitura de uma dada realidade a partir de suas múltiplas dimensões (Ferreira & Pereira, 2013), possibilitando conhecer os equipamentos sociais, suas potencialidades, desafios e subjetividades; a seleção e audição de músicas da preferência dos adolescentes que retratassem suas ideias, conceitos, representações e valores, bem como seus produtos de consumo.

Foram oferecidos recursos materiais como canetas, papéis e caixa para depósito de suas anotações, como por exemplo: seus sentimentos vivenciados no cotidiano. Tais anotações foram compartilhadas posteriormente de forma construtiva no grupo.

Para a operacionalização dos dados, utilizou-se o Software de Análise Qualitativa de dados WebQDA no apoio à análise dos dados qualitativos.

A análise pelo webQDA assemelha-se à estrutura primária da análise de conteúdo conduzida a partir da pré-análise, com a organização do material; exploração do material, com codificação e categorização; e tratamento dos resultados, com as interpretações inferenciais(Machado & Vieira, 2020).

Os excertos das falas dos adolescentes foram agrupados em categorias temáticas (Souza, 2019). Para garantia do anonimato em relação à identidade dos participantes foram atribuídos a cada um, um codinome em relação ao sexo (menina e menino), seguido pela sequência numérica referente a oficina realizada.

Os dados foram analisados à luz da abordagem da Interseccionalidade, campo que tem suas raízes no movimento das feministas negras americanas (Hankivsky et al., 2017). Trata-se de uma abordagem teórico-metodológica de caráter transdisciplinar, postulando que as múltiplas diferenças que remetem à inclusão ou à exclusão social devem ser analisadas em articulações, sem hierarquizar os marcadores sociais da diferença, considerando-os a partir dos contextos socioculturais dos sujeitos.

As análises interseccionais ressaltam as interações dos marcadores sociais da diferença, e revelam como são produzidas as hierarquias sociais e de poder na sociedade (Shannon et al., 2022).

Esses marcadores atuam de forma fluida e flexível a partir dos contextos históricos particulares, e estão relacionados com situações de poder, privilégios e processos estruturais de opressão e procura articular os marcadores sociais ou categorias de diferenciação social para compreender as iniquidades em saúde (Couto et al., 2019).

A Interseccionalidade é promissora, pois sublinha que "o todo" da discriminação sofrida por uma pessoa é complexo e maior que a soma das partes (Bowleg, 2012; Hankivsky et al., 2017).

3. Resultados

No total participaram da pesquisa 39 adolescentes, por encontro participaram aproximadamente 12 adolescentes, com idade variando entre 14 a 17 anos, sendo 18 do sexo feminino e 21 masculino. Quanto à autodeclaração da cor da pele: 21 pardos, oito negros, oito brancos, um indígena e um amarelo. Dos 39 participantes, sete referiram que consumiam bebidas alcoólicas e outros cinco, além do álcool faziam uso de outras substâncias psicoativas.

A partir dos excertos obtidos nas oficinas, emergiram três categorias temáticas relacionadas às suas situações cotidianas: Discriminação racial, Relações de gênero e Conflitos familiares, conforme narrativas apresentadas no Quadro 1.

No tema 1 - Discriminação racial - pôde ser apreendido das narrativas que ser negro é ter uma marca de desigualdade, com a conotação de ser bandido e feio, sendo, portanto, marginalizado na sociedade de forma explicita.

Em suas percepções, os adolescentes consideram que o país não oferece às pessoas pobres a possibilidade de mobilidade social por meio do trabalho.

Apontam as precariedades dos equipamentos e dos serviços de saúde pública, retrato que endossa a desesperança frente aos problemas socioeconômicos vivenciados.

Quadro 1. Temas e subtemas das narrativas dos adolescentes

racial Tema 1: Discriminação
1.1 Marginalização
"Nós estávamos no parque Vila Lobos, sentados debaixo das árvores bebendo e alguns dançando. Veio uma viatura, tinha várias outras pessoas mais clarinha que a gente, mas pelo fato da gente ser escuro, os policiais enquadraram a gente." (Menina, oficina 5)
"A sociedade olha para o preto como se ele fosse algo errado que está ali. Isso é coisa da sociedade. Pensa que você é uma pessoa trabalhadora, trabalha todos os dias das 06h da manhã até as 07h da noite para ajudar sua mãe a manter sua casa e de repente está voltando para casa um dia, e você é enquadrado, e a pessoa fala que provavelmente você rouba, ou a cor da sua pele é feia." (Menina, oficina 5).
"Você já viu algum branco levando enquadro da polícia por qualquer besteira? Neguinho de favela, do gueto é enquadrado mais fácil pela polícia."(Menino, oficina 4).
1.2 Falta de mobilidade social
"Será que a gente tem oportunidade para subir de classe social? Com certeza não. Hoje, no Brasil, para um pobre ficar rico, nem trabalhando o resto da vida dele inteira ele consegue." (Menina, oficina 5).
"No hospital não tem nem papel higiênico para as pessoas. O povo fica deitado nas macas tudo no chão, não tem leito; pagamos quatro reais de passagem para um trem lotado diariamente." (Menina, Oficina 4)
1.3 Desesperança
"Não sei, minha vida é simples, vou à igreja, minha vida é muito parada. (Menina, participante da Oficina" 4).
"Aí a gente entra na rua e tem um muro assim (faz gesto com a mão que o muro cobre toda a rua e dá na altura do seu ombro). Quando a gente encosta naquele muro, a gente vê a favela, sabe. [...]. Quando eu estou triste ou quando eu tenho alguma coisa, eu vou lá (sorri muito), e sei lá, fico pensando na vida." (Menina, oficina 4).
Tema 2: Relações de gênero
"Ela (a mãe) é uma pessoa mais velha, ela pensa que ele (o irmão) não precisa fazer nada. Ela faz, ele sair para comprar as coisas, mas a mulher tem que ficar dentro de casa, fazendo as coisas de casa. Mas hoje em dia é diferente, só que o pensamento dela não é assim. (Menina, oficina 3)
O meu pai é protetor dela. Então, a minha mãe fala: não, não vai para a rua porque, vai que acontece alguma coisa!"(Menino, oficina 3).
"[...]. Eu vou a vários lugares. Eu faço tudo, tudo e tudo."(Menino, oficina 3).
2.1. Orientação sexual
"Eu gosto de um menino, para mim é normal, mas, para algumas pessoas que não entendem é diferente, porque é do mesmo sexo. A professora conversou com meu pai e falou que eu estou andando afeminado na escola. Meu pai me xingou muito, tipo bicha burra, falou um monte de coisas. Ele me ofendeu bastante. Muitos não gostam da minha opção sexual e acaba zuando, acaba ofendendo." (Menino, oficina 3).
"Tem gente que não aceita, tem gente que usa a homossexualidade como xingamento." (Menino, oficina 3).
Tema 3: Conflitos familiares
3.1. Problemas internos e externos
"Venho me sentindo um pouco insegura em relação ao meu futuro." (Menina, participante da oficina 01).
"Quando eu tentei me suicidar, minha mãe tinha falado umas coisas para mim, e eu já não estava me sentindo bem [...]." (Menina, oficina 3).
"Por causa de problemas ele se sente sozinho, ele se apresenta como que não tem amigos." (Menino, oficina 3).
3.1. Conflitos com a mãe
"Ela falou que a minha mãe me xinga bastante. Sim, realmente ela xinga, mas às vezes, eu acho que a minha mãe quer me proteger. Toda mãe xinga..." (Menina, Oficina 3).
"A minha mãe não gosta de mim [...]." (Menina, oficina 3).

Fonte: Temas e subtemas provenientes da análise das narrativas. Elaborado pelos autores.

No tema 2 - Relações de gênero - são expressas pelos adolescentes como temática que circunda o sofrimento. A ideia de a mulher ocupar uma posição inferior à do homem é vista, principalmente pelas meninas como algo antiquado, incomodando-as.

Consoante a esta lógica, o homem é aquele que ocupa os espaços da rua e a mulher o da casa. O preconceito e a depreciação em relação à orientação sexual, são relatados como fatores relacionados ao sofrimento psíquico. São acionados estereótipos pejorativos em relação à orientação sexual, tanto pelos agentes institucionais quanto pelos responsáveis pelos adolescentes.

No tema 3 – Conflitos familiares – a família é descrita como lócus social de proteção, mas também de conflito, devido aos desentendimentos, demonstrações de desafetos e falta de apoio.

São narradas as dificuldades em obter apoio para resolver problemas externos ou internos, referentes às dificuldades de autocompreensão ou às incertezas das escolhas futuras. Na maioria das narrativas, a mãe é apontada como protagonista da relação conflituosa. São vivências que tensionam o cotidiano, acentuando o sofrimento.

4. Discussão

O uso da estratégia do mapa falante permitiu a construção de representação coletiva sobre como os adolescentes concebem o território onde vivem, bem como a identificação de seus aspectos negativos e positivos, facilitando tecer uma análise crítica das vivências de sofrimento na periferia.

A partir da abordagem interseccional, revelam-se os processos sociais de opressão que recaem sobre os adolescentes da periferia. E, possibilita compreender e não hierarquizar os marcadores sociais da diferença, tais como a raça/cor, classe social, gênero e local de moradia, que se articulam e marginalizam os adolescentes, situações impossíveis de serem compreendidas isoladamente. Esses processos de opressões sociais posicionam os adolescentes na hierarquia social, concentrando-os em áreas periféricas da cidade (Shannon et al., 2022).

A hierarquia social pode ser compreendida nas vivências das precariedades do bairro, na instabilidade habitacional, pobreza, insegurança, acesso precário aos equipamentos públicos de saúde e educação. Além disso, há o isolamento social imposto pela repressão policial, gerado pelo racismo estrutural, discriminação o qual pode ser apreendido quando os adolescentes buscam ocupar os espaços da cidade e são confrontados pela violência policial. Tal situação expressa o cerceamento do espaço da cidade de São Paulo, a exclusividade e a hierarquia social (Tavolari, 2023).

O racismo sofrido pelos homens negros adolescentes, socialmente reiterado, levam à diminuição da autoestima, dado que possuem maiores vulnerabilidade às violências, maior vigilância, confiança reduzida nas instituições sociais e reações de raiva.

Essas situações reforçam o racismo estrutural, uma das faces perversas da discriminação racial, ainda presente no Brasil, afetando a saúde mental (Bor et al., 2018). Estes processos vivenciados pelos adolescentes os deixam sem esperança de mobilidade social e sem expectativa de futuro, levando ao sofrimento psíquico e conformando o quadro dos determinantes sociais do processo saúde-doença mental (Compton & Shim, 2015).

As adolescentes tensionam a ordem hierárquica de gênero estabelecida ao não aceitarem o trabalho doméstico como "coisa de mulher", desafiando a concepção tradicional em que a casa é tida por espaço social eminentemente feminino, e a rua masculino, acentuando, assim, os conflitos familiares. Não obstante, são as mulheres das periferias que exercem as atividades de empregada doméstica e faxineira nos domicílios alheios, sendo a maioria delas chefe de família (Lima, 2012). Desta forma, indica-se que os adolescentes e suas famílias estão expostos a desgastes estruturais, como a insegurança no trabalho (Chagas et al., 2024; Compton & Shim, 2015). Foi possível demonstrar que as representações simbólicas hegemônicas forjam a construção das masculinidades dos adolescentes (Oliveira et al., 2020).

O emprego doméstico é marcado por gênero, raça/cor e classe social, carregado de preconceito, como o de ser subalterno e não possibilitar a mobilidade social (Silva & Queiroz, 2019). Diante das dificuldades e dos preconceitos que envolvem este trabalho, as adolescentes, cujas mães são referências para elas, exercem o trabalho doméstico e são as chefes de família.

Portanto, as adolescentes buscam se afastar deste tipo de trabalho e forjam o rompimento do padrão social estabelecido na divisão social do trabalho, onde o cuidado é atribuído especialmente à mulher (Garcia & Marcondes, 2022).

Quanto à sexualidade, os conflitos são prevalentes tanto no âmbito familiar quanto social, quando expressam sua orientação sexual. Com relação à orientação homossexual, os processos de exclusão e opressão sociais dirigidos aos adolescentes, embora marcados por classe social, raça/cor e gênero, se referem, sobretudo, à sexualidade. A fim de evitar agressões, declarações ou comportamentos sutis ou ostensivos de depreciação, alguns sujeitos optaram por ocultar a identidade de gênero e orientação sexual (Mills-Koonce et al., 2018).

As dinâmicas da intersubjetividade no cotidiano dos adolescentes nos espaços privado e público, às vezes, são carregadas de agressões que podem resultar em sofrimento psíquico. Na esfera privada, estas advêm da pessoa que ocupa o lugar de referência em sua vida, na esfera pública são originárias da instituição escolar, principalmente referidas à orientação sexual do adolescente, coadunando com os dados da literatura (Shilubane et al., 2014).

A partir desses percursos é fundamental tomar em consideração o contexto social dos adolescentes a fim de estabelecer projetos de auxílio centrados em suas reais necessidades por meio de espaços de escuta, seja em casa e/ou na escola, construindo juntos novas redes de apoio social para que, acompanhados, consigam enfrentar os problemas cotidianos (Delmonte et., al (2024).

Ademais, conhecer as situações cotidianas dos adolescentes permite colocá-los na condição de protagonistas e como cidadões de direitos e coparticipes na formulação de estratégias de enfrentamento saudáveis e singularizadas.

Por fim, ao dar voz aos adolescentes foi possível ouvir experiências que evidenciam desvantagens sociais compartilhadas e produzidas a partir de vários marcadores sociais da diferença, e compreender que o fato da não hierarquização dos marcadores sociais, permitiu-se traçar uma fotografia das disparidades sociais e suas complexas articulações (Oliveira et al., 2020).

4.1 Limitação do estudo

As limitações recaem no fato do estudo ter sido realizado com apenas uma parcela dos estudantes da escola, portanto, os resultados devem ser analisados com cautela.

Afim de superar essa limitação, aponta-se para necessidade de considerar outros territórios e realidades socioeconômicas por meio de estudos empíricos com vistas a explorar os marcadores sociais da diferença.

5. Considerações Finais

Os resultados revelaram que os marcadores sociais da diferença - raça/cor, classe social, gênero e local de moradia - permeiam as vivências dos adolescentes, posicionando-os em uma hierarquia social que impacta diretamente sua saúde mental. No entanto, ao desafiar essas hierarquias, tanto em seus lares quanto no espaço social, os adolescentes enfrentam desafios.

A análise realizada proporcionou uma compreensão abrangente das iniquidades de saúde, que não são resultado de um único fator, mas sim de uma confluência de múltiplas desigualdades que interagem e se reforçam, contribuindo para o sofrimento psíquico. Isso refuta a noção reducionista de que o sofrimento pode ser atribuído exclusivamente a um único marcador social.

A interseccionalidade, atua como uma ferramenta para a ação e transformação, revela a complexa relação entre as dimensões sociais e biológicas na produção das iniquidades em saúde. Essa interconexão é fundamental para entender como fatores como o estigma racial, a pobreza e as expectativas de gênero se entrelaçam, criando um contexto onde o sofrimento psíquico é acentuado.

Diante desse panorama, é essencial desenvolver políticas sociais e de saúde que integrem a voz e a experiência dos adolescentes que vivem em contextos periféricos. É imprescindível que essas políticas promovam a participação ativa dos adolescentes na identificação e na implementação de soluções para esses problemas.

Ao capacitá-los como protagonistas em suas próprias narrativas, é possível não apenas legitimar suas vivências, mas também fomentar um sentido de agência e pertencimento.

Além disso, é essencial que as políticas públicas abordem a educação, o emprego, o acesso a serviços de saúde e a segurança, criando um ambiente que favoreça a equidade. Isso envolve a implementação de iniciativas que combatam a discriminação, promovam a inclusão e garantam acesso a oportunidades que possam mitigar as desigualdades existentes.

Por fim, é fundamental investir em pesquisas contínuas que aprofundem a compreensão das experiências de adolescentes nas periferias, permitindo a formulação de intervenções que sejam verdadeiramente contextualizadas e sensíveis às suas realidades. Somente através desse esforço colaborativo e multidisciplinar será possível transformar as condições que geram sofrimento psíquico e promover um futuro mais equitativo e saudável para os jovens que habitam esses espaços.

6. Referências

Assis, S. G., Avanci, J. Q., & Serpeloni, F. (2020). O tema da adolescência na saúde coletiva - revisitando 25 anos de publicações. Ciência & Saúde Coletiva, 25(12), 4831–4842. https://doi.org/10.1590/1413-812320202512.18322020

Bor, J., Venkataramani, A. S., Williams, D. R., & Tsai, A. C. (2018). Police killings and their spillover effects on the mental health of black Americans: a population-based, quasi-experimental study. The Lancet, 392(10144), 302–310. https://doi.org/10.1016/S0140-6736(18)31130-9

Bowleg, L. (2012). The Problem With the Phrase Women and Minorities: Intersectionality—an Important Theoretical Framework for Public Health. American Journal of Public Health, 102(7), 1267–1273. https://doi.org/10.2105/AJPH.2012.300750

Brasil. (1990). Lei n. 8.069, de 13 de julho de 1990. Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA).

Brasil. (2013). Brasil. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. Saúde Mental. Ministério da Saúde, Secretaria de Atenção à Saúde. Dep. de Ações Programáticas Estratégicas. Editora MS.

CEM. (2004). Mapa da Vulnerabilidade Social da População da Cidade de São Paulo.

Chagas, R. S., Paixão, E. A. S., Miguel, M. E., & Da Silva, P. C. P. (2024). Impactos Psicossociais da Pobreza Multidimensional sobre Familias de Baixa Renda. REVISTA FOCO, 17(1), e4041. https://doi.org/10.54751/revistafoco.v17n1-007

Compton, M. T., & Shim, R. S. (2015). The Social Determinants of Mental Health. FOCUS, 13(4), 419–425. https://doi.org/10.1176/appi.focus.20150017

Couto, M. T., De Oliveira, E., Separavich, M. A. A., & Luiz, O. D. C. (2019). La perspectiva feminista de la interseccionalidad en el campo de la salud pública: revisión narrativa de las producciones teórico-metodológicas. Salud Colectiva, 15, e1994. https://doi.org/10.18294/sc.2019.1994

Delmonte, P. H., Separavich, M. A. A., Medeiros L. A. S A., Nóbrega, M.P.S.S., Mazzaia, C.M., Oliveira, E. (2024). Comportamento suicida na perspectiva dos jovens: revisão da literatura. Rev Paul Enferm. 35:e01 https://doi.org/10.33159/25959484.repen.2024v35a01

Ferreira, A. L., & Pereira, M. de F. W. (2013). O Mapa falante como instrumento do processo ensino-aprendizado do aluno de medicina: Relato de experiência. Revista de Pediatria SOPERJ., 14(1), 29–32.

Garcia, B. C., & Marcondes, G. dos S. (2022). As desigualdades da reprodução: homens e mulheres no trabalho doméstico não remunerado. Revista Brasileira de Estudos de População, 39, 1–23. https://doi.org/10.20947/S0102-3098a0204

Hankivsky, O., Doyal, L., Einstein, G., Kelly, U., Shim, J., Weber, L., & Repta, R. (2017). The odd couple: using biomedical and intersectional approaches to address health inequities. Global Health Action, 10(sup2), 1326686. https://doi.org/10.1080/16549716.2017.1326686

Lima, M. (2012). "Raça" e pobreza em contextos metropolitanos. Tempo Social, 24(2), 233–254. https://doi.org/10.1590/S0103-20702012000200012

Machado, A. L. G., & Vieira, N. F. C. (2020). Use of webQDA software on qualitative nursing research: an experience report. Revista Brasileira de Enfermagem, 73(3). https://doi.org/10.1590/0034-7167-2018-0411

Mendes, D.T, Gianella, A.C.D., Pellegrini, J.X., Fernandes, C.S., Nóbrega, M.P.S.S. (2024). Practices of primary health care nurses in the care for people in psychological distress. Rev Gaúcha Enferm [Internet].;45:e20230192. Available from: https://doi.org/10.1590/1983-1447.2024.20230192.

Mills-Koonce, W. R., Rehder, P. D., & McCurdy, A. L. (2018). The Significance of Parenting and Parent–Child Relationships for Sexual and Gender Minority Adolescents. Journal of Research on Adolescence, 28(3), 637–649. https://doi.org/10.1111/jora.12404

Oliveira, E. de, Couto, M. T., Separavich, M. A. A., & Luiz, O. do C. (2020). Contribuição da interseccionalidade na compreensão da saúde-doença-cuidado de homens jovens em contextos de pobreza urbana. Interface - Comunicação, Saúde, Educação, 24. https://doi.org/10.1590/interface.180736

RNSP. (2020). Rede Social Brasiliera por Cidades Justas e Sustentátiveis - Itaim Paulista - São Paulo/SP.

Shannon, G., Morgan, R., Zeinali, Z., Brady, L., Couto, M. T., Devakumar, D., Eder, B., Karadag, O., Mukherjee, M., Peres, M. F. T., Ryngelblum, M., Sabharwal, N., Schonfield, A., Silwane, P., Singh, D., Van Ryneveld, M., Vilakati, S., Watego, C., Whyle, E., & Muraya, K. (2022). Intersectional insights into racism and health: not just a question of identity. The Lancet, 400(10368), 2125–2136. https://doi.org/10.1016/S0140-6736(22)02304-2

Shilubane, H. N., Ruiter, R. A., Bos, A. E., Reddy, P. S., & van den Borne, B. (2014). High school students' knowledge and experience with a peer who committed or attempted suicide: a focus group study. BMC Public Health, 14(1), 1081. https://doi.org/10.1186/1471-2458-14-1081

Silva, P. D. S., & Queiroz, S. N. de. (2019). O emprego doméstico no Brasil: olhar para o "trabalho da mulher" na perspectiva histórica e contemporânea. Revista de Ciências Sociais - Política & Trabalho, 1(49), 188–204. https://doi.org/10.22478/ufpb.1517-5901.2018v1n49.35119

Soares, C. B., de Oliveira, E., & Souza, G. C. (2023). Pesquisa-Ação: Oficinas Emancipatórias como Instrumento de Pesquisa em Representações Cotidianas. Revista Sociologia Em Rede, 5(05 SE-Dossiê).

Souza, L. K. de. (2019). Pesquisa com análise qualitativa de dados: conhecendo a Análise Temática . In Arquivos Brasileiros de Psicologia (Vol. 71, pp. 51–67). scielopepsic .

Tavolari, B. (2023). Segregação urbana em São Paulo: 25 anos depois de "Enclaves Fortificados", de Teresa Caldeira. Novos Estudos - CEBRAP, 42(3), 407–423. https://doi.org/10.25091/S01013300202300030003

Tong, A., Sainsbury, P., & Craig, J. (2007). Consolidated criteria for reporting qualitative research (COREQ): a 32-item checklist for interviews and focus groups. International Journal for Quality in Health Care, 19(6), 349–357. https://doi.org/10.1093/intqhc/mzm042

WHO. (2022). World mental health report: transforming mental health for all. In World mental health report: transforming mental health for all: executive summary (p. 296).

Thiago Souza Reis
Universidade Federal de São Paulo), Brasil
https://orcid.org/0000-0003-4390-8070
✉ thiagoreisedu@gmail.com

Maria do Perpétuo Socorro de Souza Nóbrega
Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo (EESUP), Brasil
https://orcid.org/0000-0002-4974-0611
✉ perpetua.nobrega@usp.br

Sandra Cristina Pillon
Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto (EERP) da Universidade de São Paulo, Brasil
ht
✉tps://orcid.org/0000-0001-8902-7549
✉ pillon@eerp.usp.br

João Alexandre Mendes Teixeira
Faculdade de Medicina da Universidade e São Paulo (FMUSP), Brasil
https://orcid.org/0000-0001-5749-4986
✉ joaoalenxanre@gmail.com

Rosimeire Angela Queiroz Soares
Faculdade de Ciências Médicas da Santa Casa de São Paulo, Brasil
https://orcid.org/0000-0002-3752-6634
✉ rosimeire.queiroz@fm.usp.br

Elda Oliveira
Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto (EERP) da Universidade de São Paulo, Brasil
https://orcid.org/0000-0002-9973-0948
✉ eldadeoliveira@gmail.com